

ESTUDOS ALEMÃES

Série coordenada por
EDUARDO PORTELLA, EMMANUEL CARNEIRO LEÃO,
MUNIZ SODRÉ, GUSTAVO BAYER.

CDD

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

K25L Kant, Immanuel, 1724-1804
Lógica / Immanuel Kant ; tradução do texto original
estabelecido por Gottlob Benjamin Jäsche de Guido Antônio de
Almeida. — Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1992
(Biblioteca Tempo Universitário ; 93. Série Estudos alemães)

Tradução de : Immanuel Kants Logik ein Handbuch zu
Vorlesungen.

ISBN 85-282-0037-X

1. Lógica. I. Jäsche, Gottlob Benjamin. II. Título. III. Série.

92-0341

CDD - 160

CDU - 16

IMMANUËL KANT

LÓGICA

TEMPO BRASILEIRO

Rio de Janeiro - RJ - 1992

ANEXO

Ak 303

**/ NOTÍCIA DO PROF. IMMANUEL KANT
SOBRE A ORGANIZAÇÃO DE SUAS PRELEÇÕES
NO SEMESTRE DE INVERNO
DE 1765-1766**

Título da edição original (A):

**M. Immanuel Kants Nachricht
von der Einrichtung seiner Vorlesungen
in den Winterhalbjahren
von 1765-1766**

Königsberg,
bey Johann Jacob Kanter

A3
Ak305 }

/ O ensino da juventude envolve sempre a dificuldade de que somos forçados a nos adiantar aos anos com o discernimento e, sem aguardar a maturidade do entendimento, devemos transmitir conhecimentos que, segundo a ordem natural, só poderiam ser alcançados por uma razão mais exercitada e mais experimentada. É aí que têm origem os eternos preconceitos das escolas, mais tenazes e muitas vezes mais desenxabidos do que os comuns, bem como a tagarelice precoce dos jovens pensadores, mais cega do que qualquer outra arrogância e mais insanável do que a ignorância. Não obstante, esta é uma dificuldade que não se pode evitar de todo, porquanto, numa época de uma constituição civil tão cheia de atavios, os discernimentos mais subtis fazem parte dos meios de avançar e tornam-se necessidades que, por sua natureza, deviam ser colocadas entre os adornos da vida e, por assim dizer, entre as belezas supérfluas dela. / No entanto, é possível, neste ponto também, acomodar mais o ensino público segundo a natureza, senão harmonizá-lo inteiramente com esta. Com efeito, visto que o progresso natural do conhecimento humano é tal que, primeiro, o entendimento se forma, na medida em que chega pela experiência a juízos intuitivos e, por meio destes, a conceitos, conceitos estes que, em seguida, são colocados pela razão <Vernunft> em relação com as razões <Gründe> e as conseqüências deles, para serem finalmente discernidos <erkannt> por meio da ciência num todo bem ordenado, o ensino também terá que seguir o mesmo caminho. De um professor espera-se, pois, que ele forme em seu ouvinte, primeiro, o homem *sensato*, depois o homem *racional* e, por fim, o *douto*. Semelhante procedimento tem a vantagem de que o aprendiz, mesmo que jamais chegue ao último grau, como em geral / acontece, terá sempre ganho alguma coisa com o ensino e se terá tornado mais exercitado e mais atinado, senão perante a escola, pelo menos perante a vida.

Ak 306

Se invertermos esse método, o aluno vai abocanhar uma espécie de razão, antes mesmo que o entendimento tenha sido formado nele, tornando-se portador de uma ciência de empréstimo,

que nele estará, por assim dizer, apenas grudada e não desenvolvida, ao passo que suas aptidões mentais permanecerão tão estérteis como dantes, tendo se tornado, porém, com o delírio da sabedoria, muito mais corrompidas. Aqui está a causa de não raro se encontrarem pessoas douradas (na verdade instruídas) que demonstram pouco entendimento, bem como a razão por que as academias põem no mundo mais cabeças desenxabidas do que qualquer outra instituição da coisa pública.

A 5

/ A regra do comportamento é, pois, a seguinte: antes de mais nada amadurecer o entendimento e acelerar seu crescimento, exercitando-o nos juízos da experiência e despertando sua atenção para aquilo que as sensações comparadas de seus sentidos possam ensinar. Partindo destes juízos ou conceitos, ele não deve empreender nenhum vôo em direção a outros mais elevados e mais distantes, mas deve chegar até aí pela calçada natural e transitável dos conceitos inferiores que aos poucos o levem mais longe; tudo, porém, em conformidade com aquela aptidão do entendimento que o exercício precedente houver necessariamente produzido nele e não em conformidade com aquela que o professor percebe, ou crê perceber, em si mesmo e que ele erroneamente também pressupõe em seu ouvinte. Em suma, ele não deve ensinar *pensamentos*, mas a *pensar*; não se deve *carregá-lo*, mas *guiá-lo*, se se quer que ele seja apto no futuro a *caminhar* por si próprio.

Semelhante didática, exige-a a própria natureza da Filosofia. Mas, como esta é propriamente uma ocupação para a idade adulta apenas, não é de admirar que surjam dificuldades quando se quiser acomodá-la à aptidão menos exercitada da juventude. O adolescente que acabou sua formação escolar estava acostumado a *aprender*. Ele pensa que, de agora em diante, vai *aprender Filosofia*, o que porém é impossível, pois agora ele deve *aprender a filosofar*. Vou me explicar com maior clareza. Todas as ciências que a gente pode em sentido próprio *aprender* podem se reduzir a dois gêneros: o *histórico* e o *matemático*. Entre as primeiras encontram-se, além da História propriamente dita, a História Natural, a Filologia, o / Direito Positivo etc. etc... Ora, visto que em tudo o que é histórico, a experiência própria ou o testemunho alheio, ao passo que em tudo o que é matemático, a evidência dos conceitos e a infalibilidade da demonstração constituem algo que está de fato dado e de que, por conseguinte, estamos providos e que é preciso apenas apanhar, nos dois casos é possível aprender, isto é, imprimir seja na memória, seja no entendimento, aquilo que pode ser posto diante de nós como uma disciplina pronta e acabada. Para aprender, pois, a Filosofia, seria preciso que realmente já houvesse uma. Teria que ser possível exibir um livro e dizer: eis aqui sabedoria

A 6

Ak 307

e discernimento fidedigno; procurai entendê-lo e assimilá-lo, sobre isso edificai no futuro, sereis então filósofos; até que me mostrem semelhante livro da Filosofia, ao qual eu possa recorrer como, por exemplo, ao *Políbio*, para elucidar um fato histórico, ou ao *Euclides*, para explicar uma proposição da Matemática, seja-me permitido dizer: que é um abuso da confiança da comunidade, em vez de ampliar a aptidão intelectual dos jovens que nos foram confiados e de formá-los para uma discernimento *próprio* mais amadurecido no futuro, enganá-los com uma Filosofia pretensamente já pronta, que teria sido excogitada por outros em seu benefício, donde resulta um simulacro de ciência que só tem curso como moeda autêntica em certo lugar e entre certas pessoas, mas que é desacreditada em qualquer outra parte. O método peculiar de ensino na Filosofia é *zetético*, como lhe chamavam os Antigos (de *ζητεiv*), isto é, *investigante*, e só se torna *dogmático*, isto é, *decidido*, no caso de uma razão mais exercitada em diferentes questões. Também o autor filosófico / em que nos baseamos no ensino deve ser considerado, não como o modelo do juízo, mas apenas como o ensejo de julgarmos nós próprios sobre ele e até mesmo contra ele; e o método de refletir e concluir *por conta própria* é aquilo cujo domínio o aprendiz está a rigor buscando, o qual também é o único que lhe pode ser útil, de tal sorte que os discernimentos decididos que por ventura se tenham obtido ao mesmo tempo têm que ser considerados como conseqüências contingentes dele, conseqüências estas para cuja plena abundância ele só tem de plantar em si mesmo a raiz fecunda.

A 7

Ak 308

A 8

Se a isso compararmos o procedimento comum tão diverso dele, poderemos compreender várias outras coisas que de outro modo parecem estranhas aos nossos olhos. Como, por exemplo, por que não há nenhuma espécie de sapiência do ofício onde tantos mestres são encontrados como na Filosofia, e, ao passo que muitos dos que aprenderam História, Direito, Matemática etc. se conformam com o fato de apesar disso ainda não / terem aprendido o bastante para ensiná-las, por que por outro lado raramente se encontra alguém que não se imagine com toda seriedade capaz, além de sua ocupação restante, de ensinar Lógica, Moral e coisas semelhantes, caso quisesse se meter em tais miudezas. A razão é que, nessas ciências, há um padrão comum, nesta porém cada um tem o seu. Do mesmo modo, ver-se-á claramente que é muito pouco natural que a Filosofia seja um ganha-pão, na medida em que repugna ao seu caráter essencial acomodar-se à ilusão da demanda e à lei da moda, e que só a / necessidade, cuja força ainda se faz sentir sobre a Filosofia, pode forçá-la a amoldar-se à forma do aplauso comum.

As ciências que tenciono apresentar e tratar completamente, no semestre que ora se inicia, em lições privadas são as seguintes:

A 9 Ak 309 I. *Metafísica*. – Num texto breve e apressadamente redigido,⁽²¹⁾ procurei mostrar que esta ciência, a despeito dos grandes esforços dos sábios em prol dela, ainda é tão imperfeita e insegura porque o procedimento peculiar da mesma tem sido ignorado, na medida em que este não é *sintético*, como o da Matemática, mas *analítico*. De acordo com este, o que é simples e o mais geral na Matemática também é o mais fácil; na ciência principal, porém, o mais difícil; naquela, ele deve naturalmente vir primeiro, nesta por último. Naquela, começa-se a doutrina pelas definições, nesta é com elas que se termina, e do mesmo modo em vários outros pontos. Há muito, venho trabalhando com base nesse projeto e, na medida em que a cada passo por essa via vou descobrindo as fontes dos erros e a norma do juízo pela qual eles podem ser evitados, se isso for jamais possível, espero poder em breve referir completamente aquilo que pode me servir para a fundamentação de meu modo de apresentar a mencionada ciência. Até lá, porém, posso muito bem, graças a uma pequena / inflexão do rumo, encaminhar no mesmo sentido o autor, A. G. Baumgarten, cujo compêndio escolhi por causa sobretudo da sua riqueza e da precisão de sua maneira de ensinar. / Assim, depois de uma breve introdução, começo com a *Psicologia empírica*, a qual é a rigor a ciência metafísica empírica do *homem*; pois, no que concerne à expressão da alma, neste capítulo ainda não é lícito afirmar que ela tenha uma. O segundo capítulo, que deve tratar em geral da natureza corpórea, tomo-o de empréstimo às principais partes da Cosmologia, onde se trata da *matéria*, e que também completarei por alguns acréscimos escritos. Ora, visto que na primeira ciência (à qual também se acrescenta, por causa da analogia, a Zoologia empírica, isto é, a consideração dos animais) se examinou toda a *vida* que cai sob os nossos sentidos, na segunda porém tudo o que é *inanimado* em geral, e visto que todas as coisas do mundo podem ser reduzidas a essas duas classes, passo em seguida para a Ontologia, a saber, para a ciência das propriedades mais gerais de todas as coisas, cuja conclusão inclui a distinção entre os seres *espirituais* e *materiais*, bem como a conexão ou a separação dos dois e, por conseguinte, a *Psicologia racional*. Aqui, de agora em diante, tenho a grande vantagem de não apenas introduzir na mais difícil dentre todas as

(21) O segundo dos tratados que a Real Academia de Ciências em Berlim editou por ocasião do prêmio para o ano de 1763 (N. A.).

A 10 Ak 310 investigações filosóficas um ouvinte já exercitado, mas também, ao examinar em cada consideração o abstrato contido naquele concreto que as disciplinas precedentes fornecem, a vantagem de colocar tudo na maior clareza, sem me antecipar a mim mesmo, isto é, sem ter o direito de recorrer para a explicação a algo que só futuramente vai ocorrer, / o que é o erro comum e inevitável da apresentação sintética. Por fim vem a consideração da causa de todas as coisas, isto é, a ciência de Deus e do mundo. Não posso deixar de mencionar uma vantagem que se baseia apenas, é verdade, em causas fortuitas, mas que nem por isso deve ser pouco estimada e que penso extrair desse método. Todos sabem com que entusiasmo o início das aulas é feito pela juventude alegre e inconstante e como em seguida as salas de aulas vão aos poucos ficando mais espaçosas. Se eu suponho agora que aquilo que não deve acontecer voltará sempre, no entanto, a acontecer no futuro a despeito de toda lembrança, então a mencionada maneira de ensinar há de conservar uma utilidade peculiar a ela. Pois o ouvinte, cujo entusiasmo já houvesse evaporado lá pelo final da Psicologia empírica (o que, porém, dificilmente se há de presumir no caso dessa maneira de proceder) teria não obstante ouvido alguma coisa que seria compreensível por sua facilidade, / aprazível pelo interesse que desperta e útil pelos casos freqüentes de aplicação na vida; ao passo que, se a Ontologia, uma ciência difícil de se entender, o tivesse desanimado de continuar, o que ele houvesse compreendido não lhe poderia ser muito útil para nada mais.

A 11 2. *Lógica*. – Desta ciência há a rigor dois gêneros. A do primeiro é uma crítica e norma do *bom-senso*, na medida em que este confina por um lado com os conceitos grosseiros e com a ignorância, mas por outro lado com a ciência e a erudição. A Lógica dessa espécie é aquilo que se / deve colocar no início do ensino acadêmico de toda Filosofia, por assim dizer a quarentena (se posso me exprimir assim) que deve cumprir o aprendiz que queira passar do país do preconceito e do erro para o domínio da razão esclarecida e das ciências. O segundo gênero de Lógica é a crítica e a norma da *sapiência propriamente dita* e jamais pode ser tratada de outra maneira senão após as ciências cujo *organon* ela deve ser, para que se torne mais regular o procedimento de que se utilizou na prática e para que se discirna a natureza da disciplina juntamente com os meios de seu aperfeiçoamento. Assim, acrescento ao final da Metafísica uma consideração sobre o método peculiar da mesma, enquanto *organon* dessa ciência, o qual, se colocado no começo desta, não estaria em seu lugar correto, na medida em que é impossível tornar claras as regras se não dispomos de exemplos com os quais se possa mostrá-los *in concreto*. O professor, é verdade, deve

de antemão ter em mente o *organon*, antes de apresentar a ciência, para que ele próprio se oriente por ele, mas ao ouvinte ele jamais deve apresentá-lo a não ser por último. A crítica e a norma da Filosofia inteira como um todo, essa Lógica completa, só pode encontrar, pois, o seu lugar no ensino ao final da Filosofia inteira, pois só os conhecimentos já adquiridos da mesma e a História das opiniões humanas tornam possível fazer considerações sobre a origem de seus discernimentos, bem como de seus erros, e riscar a planta exata segundo a qual semelhante edifício / da razão deve ser erigido de maneira duradoura e regular.

A 12

Vou apresentar a Lógica da primeira espécie, seguindo aliás o manual do senhor professor Meier; porque este não perde de vista os limites / dos objetivos mencionados e, ao mesmo tempo, enseja a compreensão, não só da cultura da razão mais fina e douta, mas também da formação do senso comum, é verdade, porém ativo e bom, aquela para a vida contemplativa, esta para a vida ativa e civil. Ao mesmo tempo, a afinidade muito próxima das matérias dá ensejo, quando da *crítica da razão*, a lançar uma vista d'olhos à *crítica do gosto*, isto é, à *Estética*, as regras de uma servindo para elucidar as regras da outra e o seu contraste sendo um meio de melhor compreender a ambas.

Ak 311

3. *Ética*. – A Filosofia moral tem esse destino peculiar de assumir, antes mesmo que a Metafísica, a aparência da ciência e um certo ar de trabalho feito a fundo, se bem que nenhuma dessas duas coisas possam ser encontradas nela; a razão disso é que a distinção do bom e do mau nas ações e os juízos sobre a legitimidade moral podem ser fácil e corretamente discernidos pelo coração humano de uma maneira direta e sem o rodeio das provas, graças àquilo que se chama sentimento; assim, a questão já tendo sido no mais das vezes decidida antes dos argumentos racionais, o que não acontece na Metafísica, não admira que a gente não se mostre particularmente relutante a deixar passar como prestantes razões que só têm uma aparência de solidez. / Por isso, nada mais comum do que o título de filósofo moral, e nada mais raro do que merecer semelhante nome.

A 13

Por ora, vou apresentar a *Filosofia prática geral* e a *Doutrina da Virtude*, ambas segundo Baumgarten. Os ensaios de *Shaftesbury*, *Hutcheson* e *Hume*, que, embora incompletos e falhos, são os que no entanto mais longe chegaram na busca dos fundamentos primeiros de toda moralidade, receberão aquela precisão e complementação que lhes faz falta e, considerando sempre de uma maneira histórica e filosófica na Doutrina da Virtude aquilo que *acontece*, antes de indicar o que *deve acontecer*, tornarei claro o método segundo o qual é preciso estudar o *homem*: não somente aquele que foi deformado pela figura mutável que seu estado contingente imprimiu nele e que

enquanto tal ficou quase sempre ignorado dos próprios filósofos; mas a *natureza* do homem que sempre permanece e sua posição peculiar na criação, para que se saiba qual perfeição lhe é adequada no estado da simplicidade *rude* e / qual no estado da simplicidade *sábia*, e qual ao contrário a norma de seu comportamento quando, abandonando ambos os limites, trata de tocar o grau supremo da excelência física ou moral, desviando-se porém mais ou menos de ambas. Este método da investigação moral é uma bela descoberta de nossos tempos e, se o consideramos em seu plano completo, ficou inteiramente desconhecido dos Antigos.

Ak 312

A 14

4. *Geografia física*. – Quando percebi bem no começo de meu ensino acadêmico que uma grande negligência da juventude estudantil consiste sobretudo em aprender cedo a *arraoar*, sem possuir conhecimentos históricos suficientes que possam tomar o lugar da experiência, concebi o plano de fazer da História do estado atual da Terra, ou da Geografia no sentido mais lato, uma suma agradável e fácil daquilo que ela poderia preparar para uma razão prática e que pudesse servir para despertar o prazer de ampliar cada vez mais os conhecimentos aí iniciados. Denominei a disciplina daquela parte para a qual se voltava meu principal interesse: *Geografia física*. Desde então, ampliei pouco a pouco esse projeto e tenciono agora, concentrando mais aquela parte que se ocupa das regularidades físicas da Terra, ganhar tempo para me estender mais ao discorrer sobre as outras partes da mesma que têm uma utilidade geral ainda maior. Essa disciplina será, pois, uma *Geografia físico-moral e política*, na qual serão *primeiro* indicadas as peculiaridades da natureza através de seus três reinos, mas escolhendo aquelas entre inúmeras outras que se oferecem sobremodo à curiosidade geral graças ao atrativo de sua raridade, ou graças também à influência que têm sobre os Estados por intermédio do comércio e da indústria. Esta parte, que contém ao mesmo tempo a relação natural entre todos os países e mares e a base de sua conexão, é o verdadeiro fundamento de toda a História, sem o qual ela pouco se distingue dos contos lendários; a / segunda parte considera o *homem* na Terra inteira segundo a multiplicidade de suas qualidades naturais e a diferença daquilo que nele é moral; uma consideração muito importante e igualmente cheia de atrativos, sem a qual dificilmente se podem fazer juízos gerais sobre o homem e onde a comparação recíproca e com o / estado moral dos tempos mais antigos desdobra ante os nossos olhos um grande mapa da raça humana. *Por último*, tratar-se-á daquilo que pode ser considerado como uma consequência da interação das duas forças anteriormente mencionadas, a saber, a situação dos Estados e populações sobre a Terra, não tanto na medida em que depende das causas contingentes

A 15

Ak 313

do empreendimento e do destino de pessoas particulares, como, por exemplo, a sucessão dos governos, as conquistas ou intrigas políticas, mas em relação com aquilo que é mais constante e contém o fundamento remoto daqueles, a saber a situação de seus países, os produtos, costumes, indústria, negócios e população. Até mesmo o rejuvenescimento, se posso dizer assim, de uma ciência de tão amplas perspectivas segundo uma escala menor tem a sua grande utilidade, na medida em que só por meio disso se alcança unidade do conhecimento, sem a qual todo saber não passa de uma obra fragmentária. Não terei o direito, num século sociável como é o atual, de colocar a provisão, que uma grande multiplicidade de conhecimentos agradáveis e instrutivos e de fácil compreensão oferece para a manutenção do convívio social, entre as utilidades que ter em vista não é nenhum desdouro para a ciência? Pelo menos, não pode ser agradável para uma pessoa douda ver-se muitas vezes no embaraço em que / se encontrou o orador Isócrates, o qual, ao ser animado numa reunião social a falar alguma coisa, teve que dizer: *o que sei não convém, e o que convém não sei.*

A 16

Esta é a breve indicação das ocupações que consagro no semestre que se inicia à Academia e que só estimei necessária para que se pudesse fazer uma idéia do tipo de ensino no qual tive por bem proceder agora a uma modificação. *Mihi usus est: Tibi, quod opus est facto, face* (Terêncio).⁽²²⁾

(22) A edição da Academia corrige: *Mihi sic est usus: Tibi ut opus facto est, face.* ("Para mim assim é que é preciso; quanto a ti, faz como for preciso") (N. T.).

Nota sobre a tradução de alguns termos

I. *Merkmal*, que Kant usa como correspondente do termo latino *nota*, foi traduzido aqui por *nota característica* (ou mais brevemente por *característica* apenas), por ser mais literal e explicitar a idéia de que as "notas" pensadas num conceito são as características do objeto pensado através desse conceito e que nos servem de critério para identificar os objetos dados na intuição.

II. *Grund* = *razão* ou *fundamento*. O termo latino correspondente em Kant é *ratio*. Apesar da ambigüidade do termo *razão*, que também pode designar a faculdade do conhecimento (*Vernunft*), preferimos usá-lo na maioria das passagens em que ocorre o termo, notadamente:

1) Quando *Grund* é usado por oposição a *Folge* (conseqüência) e significa a razão de ser ou vir a ser, ou seja, quando corresponde à expressão latina: *ratio essendi* ou *ratio fiendi*.

2) Quando ocorre na expressão: *Erkenntnisgrund*, cujo correspondente em latim é a *ratio cognoscendi* e que traduzimos em geral por *razão do conhecimento* (ou *razão de conhecer*) e mais raramente, para evitar ambigüidade, por *fundamento cognitivo*. O termo designa aquilo em que se funda o conhecimento de um objeto, notadamente, as notas características de um objeto pensadas em seu conceito.

3) Quando ocorre na expressão *Bestimmungsgrund*, que traduzimos por *razão determinante* (ou *da determinação*), a saber de nossos juízos ou ações.

Todavia, traduzimos *Beweisgrund* em geral por *argumento* e apenas ocasionalmente por *fundamento da prova*. Ao contrário de muitos tradutores, jamais usamos *princípio* para traduzir *Grund*, reservando essa expressão para *Grundsatz*.

III. *Kennen* e *Erkennen* foram traduzidos respectivamente por *conhecer* e *reconhecer*, muito embora não sejam equivalentes exatos. *Kennen* designa comumente o estado ou o fato de ter conhecimento de alguma coisa e que independe de ter consciência disso. Por exemplo: *Er kennt seine Fehler* = *ele conhece os seus erros* (mesmo quando não está pensando neles); *Er kennt mich (nicht)* = *ele (não) me conhece* (e ele não deixa de me conhecer quando deixa de pensar em mim). *Erkennen*, ao contrário, designa antes o ato ou

o processo de adquirir conhecimento, no sentido de vir a saber, de ter ciência ou se tornar consciente de alguma coisa. Por exemplo: *Er erkannte seinen Fehler* = ele viu, percebeu, tomou consciência de seu erro (e não: reconheceu ou admitiu o seu erro); *Er erkannte mich nicht* = ele não me reconheceu (porque estava distraído, esquecido, inconsciente etc.). Embora *reconhecer* contenha a idéia de uma reidentificação (quando corresponde em alemão a *wiedererkennen*) e às vezes também a idéia de uma confissão ou admissão (quando corresponde a *zugestehen, zugeben*), não vejo outra maneira de traduzir *erkennen*, se se quer, como Kant (em *A 85*), preservar a ligação terminológica com *kennen*. Como se viu no texto de Kant, o critério de distinção decisivo para Kant é a ausência ou presença da consciência.

IV. *Führwahrhalten* foi, como de costume, traduzido por *assentimento*, muito embora nossa expressão tenha uma extensão mais ampla do que a do termo alemão, uma vez que não está restrito às proposições assertóricas, que são as proposições para as quais erguemos uma pretensão de *verdade*. Ocasionalmente, quando o contexto o exigiu, foi vertido literalmente como *ter por* ou *considerar como verdadeiro*.

V. *Erörterung, Darstellung e Vortrag*. — Cada uma dessas expressões pode ser traduzida em português por *exposição*. Reservamos, porém, *exposição* para *Erörterung*, visto que Kant usa *Exposition* como sinônimo e *expositio* como o termo correspondente em latim (cf. *Lógica*, # 105 e KrV, A 23 = B 38). Traduzimos *Darstellung* por *exibição*, levando em conta que o correspondente latino em Kant é *exhibitio* (cf. KU, Introd. VIII, A XLIX), e reservamos *apresentação* para *Vortrag*.

O termo *Erörterung* (*expositio*) designa o processo pelo qual um conceito é analisado em suas notas características em vista de uma definição (cf. acima § 98). O termo *Darstellung* (*exhibitio*) designa a operação que permite a “construção” de um conceito pela exibição da intuição correspondente, ou mais precisamente, pela exibição na intuição do objeto que corresponde a esse conceito (cf. acima *A 22* e KrV, A 713 = B 741). O termo *Vortrag*, por fim, designa o processo pelo qual a matéria de uma ciência é apresentada em vista da comunicação (cf. acima *A 16*).

No prefácio de Jäsche, contudo, *Darstellung* é usado como equivalente de *Vortrag*, e não pudemos ter o mesmo rigor em sua tradução que tivemos com o texto de Kant, onde os termos são usados no sentido técnico explicado acima. Do mesmo modo mais acima em *A 66*, *Darstellung*, usado como sinônimo de *Vortrag*, foi traduzido por “apresentação”.



Diagramação e Edição:
VIDA — Edição por Computador
Tel.: (021) 248-7506 — 571-9535